

MARINA SILVA

Ela defende o governo e o presidente Lula, mas apóia ONGs que criticam a política ambiental

Ministra diz que não vai engolir princípios e descarta pirotecnia

ELIANE CANTANHÊDE
 DIRETORA DA SUCURSAL DE BRASÍLIA
 LUCIANA CONSTANTINO
 DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A ministra Marina Silva (Meio Ambiente) vai ter uma semana decisiva no governo e avisa que não vai fazer "pirotecnia ambiental", mas também não aceita "engolir princípios".

Em entrevista à **Folha** no sábado, na casa de uma assessora em Brasília, a ministra deixou claro: "Engolir sapo, vaidade e algumas derrotas faz parte, mas engolir princípios, jamais. É preciso que o dirigente maior banque suas posições. E eu não vou fazer pirotecnia ambiental".

Aos 45 anos, Marina é uma espécie de ícone dos ambientalistas, mas tem perdido batalhas importantes no governo do seu partido, o PT. Uma delas, a importação de pneus usados. Outra, o plantio de soja transgênica.

Ela, porém, faz uma distinção entre medidas conjunturais, como a que permitiu o plantio, e as estruturais, que vão definir limites de poderes e de áreas para o avanço dos transgênicos no país.

Um passo importante será dado amanhã, em nova reunião de 11 ministros no Palácio do Planalto, para acertar se a CTNBio (a comissão de biossegurança) terá efeito vinculante, ou seja, estará acima dos ministérios, ou se apenas dará pareceres.

Na entrevista, Marina defendeu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o governo, mas também apoiou os movimentos das ONGs que criticam a política ambiental.

Abaixo, trechos da entrevista:



Folha - O núcleo duro do governo define as políticas, e os ministros das áreas são periféricos. A sra. se sente periférica?

Marina Silva - Ter uma coordenação de governo que puxa os temas para ela dá a idéia de uma centralização exagerada. Ter 11 ministros por nove meses debatendo o que fazer em relação aos organismos geneticamente modificados é algo inovador.

Folha - O que se propõe é que a decisão vá para um conselho de ministros. Isso não significa jogá-la para o núcleo duro?

Marina - O projeto ainda está sendo definido. Mas posso dizer que será uma decisão consistente.

Folha - O que é uma solução positiva para a sra.?

Marina - É aquela que criará um marco legal adequado, que considere os avanços da legislação ambiental. A sociedade, inclusive o setor produtivo, às vezes tem medo quando se fala da implementação e da conquista da legislação ambiental. Mas esse é o caminho correto. Quando se fala em princípio da precaução e do licenciamento ambiental, as pessoas lêem

Eu vou fazer política de governo, não política de ministério. E não me dispinho a ser presidente da ONG do governo. Quero interagir com os ministérios

Folha - Como se explica que as ONGs façam um manifesto tão duro contra o governo?

Marina - Qualquer sinalização que pareça a não-implementação dessa agenda dispara alertas. Isso não é negativo. Quero ser alertada o tempo todo.

Folha - A saída do deputado Fernando Gabeira do PT não foi um alerta?

Marina - Ele entendeu que a forma de contribuir com o governo foi mostrar que estamos no sinal amarelo para algumas questões: transgênicos, pneus. Mas tenho certeza de que na história, prevalecendo o processo de construção de política integrada, ele estará junto. Se fomos capazes de compor o tempo todo na questão ambiental com o governo Fernando Henrique Cardoso, porque não no governo Lula?

Folha - Quem está sendo incoerente: Gabeira ou governo?

Marina - Os dois estão sendo coerentes. O Gabeira está coerente com suas posições históricas. Já o governo Lula está em um processo de estabelecimento de um novo paradigma. Havia 22 anos tentávamos implementar essas idéias. Sair dos instrumentos de comando e controle para o diálogo entre meio ambiente e desenvolvimento requer processo.

Folha - A sra. busca alianças com ministros para reagir a imposições do núcleo duro?

Marina - As alianças têm a concordância do governo. A palavra final sempre foi do presidente, com ou sem discussão. A diferença é que o presidente está se expondo nos debates.

Folha - Marcelo Furtado, do Greenpeace, diz que o presidente não entende nada de desenvolvimento sustentável.

Marina - Vamos pegar o exemplo do mogno. Lula ouviu o Ministério do Meio Ambiente e fez um decreto para resolver esse problema. Ou seja, em cinco meses o presidente Lula tomou a decisão e nos colocou para operá-la. Vocês acham que eu e Roberto Rodrigues [Agricultura] só brigamos o tempo todo, mas, no caso do mogno, os dois ministérios trabalharam juntos.

Folha - A sra. e Rodrigues "brigam" no grande tema do momento: transgênicos.

Marina - Quando a gente tem uma cabeça de processo, não joga a criança junto com a água do banho. Há divergências, mas, naquilo em que a gente pode trabalhar junto, a gente está trabalhando de forma pacífica.

Folha - Que acordo é possível para os transgênicos?

Marina - É preciso ver que há duas situações distintas. Uma, conjuntural, e outra, estrutural. Houve uma medida provisória favorável [ao plantio dos transgênicos na próxima safra], porque era preciso escoar a produção. A segunda eu não quero comentar porque todos sabem o que penso. Nesses dois casos, o governo dialogou com a conjuntura. O que eu busco? Um marco legal adequado. Há um esforço do governo para definir outras questões, como a composição e o raio de ação da CTNBio.

Folha - É possível decidir já na reunião de terça [amanhã]?

Marina - Sim. O ministro José Dirceu ficou de fazer a síntese das contribuições e apresentar já na terça. Está demorando tanto tempo justamente por isso. O presidente Lula quer dar importância à questão ambiental, mas também à agricultura.

Folha - Mas as decisões conjunturais não condicionam e definem as estruturais?



A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, no jardim da casa de uma assessora em Brasília

Marina - Eu divergi da medida provisória, mas o Meio Ambiente não se eximiu de apresentar propostas que mantivessem limites: não plantar em áreas de proteção, indígenas, de abastecimento público e estratégicas para análise de biodiversidade. Essa foi uma ponte para o estrutural, para o licenciamento ambiental.

Folha - E a falta de adesão? No RS, só 1% dos que pretendem plantar soja transgênica aderiram.

Marina - Está muito baixo. Dirceu já conversou com o grupo de implementação da MP e com o governo gaúcho, senão não teriam direito a crédito.

Folha - Por que ninguém se interessa em assinar?

Marina - Consolidou-se depois de sete anos, a cultura do fato consumado. Criou-se um atalho e daí a desobediência civil. O governo atual poderia fazer a mesma coisa. Não estavam plantando, não estavam vendendo? Então, para que todo esse desgaste? A coragem foi chamar para discutir.

Folha - Quem garante que não vão continuar sendo plantados?

Marina - Além da fiscalização, tem de haver lei com dente e unha afiada. Quem desobedece e não faz os ajustamentos de conduta fica sem crédito. E o que se busca é uma transição, porque a legislação tem de ser cumprida.

Folha - A sra. defende linha dura para sem-terra como para agricultores dos transgênicos?

Marina - Não é linha dura. Vem uma linha dura do setor ruralista

dizendo que a lei tem que ser cumprida ao pé da letra com os sem-terra, porque a propriedade privada é sagrada e valem até milícias particulares. Mas, quando é para cumprir a legislação ambiental no caso dos transgênicos, aí eles vêm com a desobediência civil. A lei tem de ser cumprida por ruralistas, ambientalistas e sem-terra. Não pode é a lei só valer para os excluídos. Os ruralistas tiveram várias oportunidades: da comercialização, do termo de ajustamento de conduta. E continuam pregando desobediência.

Folha - A sra. defende tanto a lei, mas ambientalistas acusam Lula de jogar a Constituição no lixo para dar superpoderes à CTNBio.

Marina - Isso em relação aos transgênicos, mas estamos fazendo um debate de oito meses e todos nós amadurecemos e poderemos ficar positivamente surpreendidos com os resultados de terça. Resultados que trouxeram muito desgastes quando resolvemos os problemas de conjuntura e que necessariamente terão que dialogar com os avanços da legislação na questão estrutural.

Folha - Idealmente, o que a sra. espera da CTNBio?

Marina - A comissão deve se manifestar quanto aos aspectos de biossegurança, dando parecer favorável ou não, e aí ele deve subir para os órgãos de registro e fiscalização. Esse não é só o meu entendimento, mas da lei que foi aprovada anteriormente, com veto em dois artigos. O problema é que as

pessoas pensam que não dá para cumprir a lei e inventam atalhos. Conheço muitos atalhos que nos levaram a abismos. Também não podemos transformar isso num cabo-de-guerra ideológico. Trata-se de uma questão técnica.

Folha - O que a sra. acha das críticas que as ONGs vêm fazendo a decisões ambientais do governo?

Marina - Elas estão dando os alertas que precisamos ser dados, estão criticando num sentido positivo. Quando eu criticava no governo FHC, era num sentido positivo, mesmo quando era dura. E muitas vezes foram vitoriosas, como no caso dos subsídios da borracha na Amazônia.

Folha - Ou seja, a sra. defende o governo, mas também concorda com a pressão das ONGs.

Marina - A pressão é sobre mim, porque eu sou governo e concordo com ela. As pessoas não estão apenas criticando. Elas estão nos cobrando coisas que são pontos sagrados da política ambiental. São coisas que, se não forem

RAIO-X

Nome: Maria Osmarina Vaz de Lima
Nome que adotou: Marina Silva
Cargo atual: ministra do Meio Ambiente
Idade: 45
Estado civil: casada pela segunda vez
Filhos: quatro (Shalom, Moara, Mayara e Danilo)
Formação: foi alfabetizada pelo antigo Mobral, fez supletivo e aos 26 anos se formou em história pela Universidade Federal do Acre
Carreira política: vereadora de Rio Branco (1988), deputada estadual pelo Acre (1990), reeleita senadora no ano passado
Local de nascimento: Seringal Bagaço (70 quilômetros de Rio Branco, no Acre)
Partido: PT, ao qual é filiada desde 1985
 Participou das Comunidades Eclesiais de Base (da Igreja Católica), de movimentos de bairro e do movimento dos seringueiros. Em 1984 foi fundadora da CUT no Acre, quando Chico Mendes foi o coordenador e Marina, a vice-coordenadora
Religião: entrou na política por meio da Igreja Católica, mas atualmente é evangélica

seguidas agora, vão fazer muitas outras coisas irem por água abaixo ao longo do tempo. E que bom que elas estejam nos dizendo isso nos primeiros dez meses de governo, enquanto dá tempo de fazer, de mudar, de ouvir.

Folha - De certa forma, portanto, a pressão das ONGs é boa para a sra., fortalece sua trincheira dentro do governo?

Marina - Elas dão um sinal necessário para o governo, e eu disse: "Eu vou fazer política de governo, não política de ministério. E não me dispinho a ser presidente da ONG do governo". O que eu quero é interagir com todos os ministérios, de infra-estrutura a turismo, para colocar meio ambiente no coração do governo. Ministério do Meio Ambiente tem de ter interlocução dentro do governo, e o papel das organizações sociais é seu legítimo papel de interação com o governo. Em alguns aspectos, eles vão estar sempre à frente do governo.

Folha - Um dos problemas da sua área não é o carimbo de que meio ambiente é perfumaria?

Marina - A melhor forma quando você quer destruir seu interlocutor é vulgarizar o argumento dele, e eu fui vítima disso a minha vida toda, mas eu não tenho medo. No Acre, quando eu defendia fazer estrada com demarcação de terras indígenas, preservando as reservas, espalhavam que eu era contra o desenvolvimento. Queriam me apedrejar. Hoje, estamos fazendo as estradas com todos os cuidados. E, graças a Deus, nenhum dos políticos que diziam que eu era contra foi eleito.

Folha - Como a sra. se sentiu sabendo sobre a importação dos pneus usados pelos jornais?

Marina - Eu aprendi muitas vezes a engolir meu orgulho, minha vaidade. Aquela foi uma situação muito delicada de início de governo. O ministro Celso Amorim [Relações Exteriores] e eu estamos conversando e acho possível reverter essa situação.

Folha - A sra. acha que poderá ter de engolir o orgulho e a vaidade na terça [amanhã], com a decisão do Planalto sobre a CTNBio?

Marina - Engolir orgulho, vaidade e algumas derrotas faz parte, mas engolir princípios, jamais. É preciso que o dirigente maior banque suas posições. E eu não vou fazer pirotecnia ambiental.